

Texto: Liana John

Ilustração: Sérgio Cajado



Perigo!

CONTAMINADA

A cada nova medida governamental, o consumidor brasileiro segura o seu estômago, temendo pelos reflexos na agricultura e, conseqüentemente, na quantidade de feijão e arroz em cima de sua mesa. Sua preocupação básica é ter ou não ter alimento em casa na próxima semana. Comer ou não comer.

Neste estágio de insegurança, muito pouco importa a qualidade dos produtos agrícolas que ele está ingerindo. Ainda bem, porque, se importasse, o brasileiro definitivamente desistiria desta prática condenável chamada alimentação.

É que a agricultura nacional anda tão contaminada, do plantio à estoca-

gem, que fica quase difícil decidir se morremos de fome ou intoxicados.

Bobagem?... pois o Brasil é um dos países que mais consome produtos agrotóxicos em relação à quantidade de alimentos que produz. Ele é nada menos que o quarto consumidor mundial de venenos agrícolas e, claro, está muito longe de ser o quarto

Informe

produtor mundial de alimentos. E o pior é que grande parte dos venenos consumidos já foram proibidos nos países desenvolvidos (que, por acaso, também são sede das empresas e laboratórios que vendem os agrotóxicos aqui).

Mesmo os elementos químicos mais nocivos ao homem (e, às vezes fatais) continuam a ser utilizados em larga escala no Brasil, como é o caso do DDT, Aldrin, Heptachlor e Clordane. Todos eles vendidos como defensivos de uso abrangente.

O problema, diz Siegfried Zwar, 1.º Secretário da Associação dos Engenheiros Agrônomos de São Paulo, é que "estes elementos químicos foram proibidos aqui, mas apenas para uso em hortaliças e frutas. A venda continua livre e não há meios de fiscalizar sua utilização no campo".

A única forma de restringir um pouco o uso dos venenos mais perigosos, segundo Siegfried, seria através da instituição do receituário agrônomo. Tal receituário seria como uma receita médica; ou seja, o usuário só poderia comprar o agrotóxico recomendado por um agrônomo, na quantidade prescrita na receita.

Um primeiro passo neste sentido já foi dado, quando da aprovação de uma portaria do Ministério da Agricultura, que regulamentava as vendas de venenos em lojas, através de receituário agrônomo. Mas isso não é suficiente, alega Siegfried, "porque está fora desta regulamentação a venda aplicada, que é quando o produtor entra em contato direto com a empresa fabricante e pede que ela aplique o defensivo em sua plantação".

Ora, é óbvio que as maiores plantações são cobertas pela venda aplicada e, portanto, as maiores plantações vão continuar a consumir qualquer tipo de veneno, indicado pelos fabricantes. Mas já é alguma coisa.

Outro grave problema de contaminação, que poderia ser solucionado com uma assistência mais direta de

engenheiros agrônomos, é o do tempo de pulverização. Ocorre que a maioria dos produtores não observa o período que deve existir entre a última aplicação do agrotóxico e a comercialização.

Assim, muitas frutas e hortaliças chegam aos Ceasas completamente envenenadas e são comercializadas como vieram: contaminadas. E mesmo quando as Ceasas detectam alimentos contaminados, nos poucos testes que realizam, a população não é informada, para não virar escândalo e desequilibrar as vendas.

Foi o que aconteceu no Ceagesp há alguns meses atrás, conforme denúncia de José Pedro Santiago, da Federação de Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil. Diz ele que foram detectados altos índices de Aldrin e DDT em morangos e figos, mas nenhum consumidor ficou sabendo.

E ainda não é tudo. Muitos produtos, tóxicos para os animais e para os homens, nem sequer eliminam as pragas da cultura afetada. Pelo contrário, afirma Santiago, "os próprios fabricantes de agrotóxicos reconhecem que a quantidade das pragas aumentou muito nos últimos anos".

Não é difícil explicar porque: a maioria dos defensivos agrícolas é de uso abrangente, quer dizer, não mata apenas um inseto, mas várias qualidades de insetos. "No fim das contas, o inseticida mata 6 ou 7 pragas e trinta inimigos naturais destas pragas", explica Santiago.

"Sem seus inimigos naturais, as pragas se desenvolvem mais rápido e se espalham, e aí é preciso muito mais inseticida para combatê-las", completa.

Um uso mais racional dos agrotóxicos diminuiria o problema, contaminando menos as nossas mesas. "E não afetaria em nada a produtividade agrícola", garante Siegfried.

Foi feito um estudo, inclusive, que demonstrou que a produtividade

não está diretamente vinculada à quantidade de defensivo utilizado. O estudo é da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agrícolas) e do IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná).

Do plantio à colheita da soja paranaense, em 1979/80, os agricultores fizeram uma contagem dos insetos que atingiam suas lavouras. Apenas quando o número de insetos chegava a uma quantidade ameaçadora é que a cultura era pulverizada. Resultado: o número de pulverizações diminuiu de 5 para um, por ano. E houve locais em que não se pulverizou nenhuma vez, sem queda alguma na produtividade.

O sistema de contagem de insetos, utilizado pelos agricultores paranaenses, foi padronizado e pode ser aplicado em larga escala. De quebra, o sistema ainda representa uma racionalização de custos para o produtor, pois ele passa a comprar menos inseticida.

Mais uma medida que precisa ser tomada com urgência refere-se à pesquisa agrícola, sugere o 1.º Secretário da Associação dos Engenheiros Agrônomos. "A maioria das pesquisas desenvolvidas para melhora de sementes", diz, "visa apenas o aumento de produtividade".

Para tanto, usa-se uma grande quantidade de adubos e defensivos e o produtor que trabalha com sementes melhoradas tem que seguir as instruções dos pesquisadores. Ao invés disso, na opinião de Siegfried, as pesquisas poderiam ser dirigidas para uma maior resistência às pragas e às condições climáticas, o que também aumentaria a produtividade, mas eliminaria a necessidade crescente de aditivos químicos.

Como se vê, a substituição dos agrotóxicos por outros métodos menos contaminadores não é tão complicada e nem ao menos cara. É tudo uma questão de opção. Resta saber a quem interessa qual opção... ■